

Quadros de História

ANU
10

Pesquisas de opinião voltam a sinalizar o desencanto dos brasileiros com a sua vida de agora. A julgar pelas pesquisas, tudo vai mal, como diz a velha canção. Não há, mesmo, grandes motivos de entusiasmo, com as Olimpíadas bastante parcas em medalhas; e inflação crescente não dá sono tranqüilo a ninguém.

Mas esta é, também, a semana de promulgação da nova Constituição; e só este fato já sugeriria a necessidade de uma visão um pouco mais fria, menos "climática". Constituição à parte, um acadêmico brasileiro que mora no exterior e visita periodicamente o país (o que sempre dá alguma perspectiva) anota, em artigo, a existência do nosso *Midwest* — das terras férteis que se expandem continuamente e produzem riqueza no interior.

É um importante crescimento "para dentro". Não faz muito sentido dizer que este é o "país real", o "país que produz", e que se oporia ao "paraíso artificial" das cidades (cada vez menos paradisíacas). As cidades também produzem — matéria política e cultural, e a civilização da informática. *Pensam* o país. O campo não pensa — ou pensa menos. Mas o velho Balzac já sabia que essa vida vegetativa é um contrapeso para a consciência febril das cidades. Que a agricultura brasileira bata recordes de produtividade é um dado a ser levado em conta na atual realidade do país.

O outro dado é a construção institucional que se procura através de uma nova Constituição. Os defeitos do novo texto já foram apontados — bem como o fato de que ele é, pelo menos, representativo do momento. O melhor a fazer, a partir de agora, seria submeter essa Constituição ao teste da realidade e ver em que ela é realmente boa, ou em que precisa de melhorias.

Uma atitude pragmática é do que estamos mais precisados. Sabe-se que temos o fetichismo do texto. Procuramos redigir "o melhor texto do mundo", ou "o mais progressista". E esperamos, então, que o texto produza efeitos por si mesmo.

Não é bem assim que se faz história. Esta disciplina não tem a lógica fácil com que sonham os racionalistas (de que o marxismo é a expressão mais renitente). É feita de sangue, suor e lágrimas — e de eventuais triunfos.

A França, por exemplo, prepara-se para comemorar 200 anos de Revolução num estado

de grande contentamento consigo mesma (é o que dizem, ainda, as pesquisas). Mas quanto não lhe custou chegar à estabilidade de agora?

Não custa recordar. Da Revolução de 1789, todos conhecem os sobressaltos e sangueiras. Correu tanto sangue que Napoleão pôs os canhões na rua e estabeleceu a sua própria ordem. Esta durou até 1815 — porque era, como se sabe, um pouco ambiciosa demais.

Veio a restauração dos Bourbons; a princípio disfarçada em monarquia constitucional. Mas, em 1820, a vitória dos "ultras" restabelece o absolutismo. Este voa pelos ares com os "dias gloriosos" de 1830. Começa a Monarquia de Julho, à frente Luís Filipe, "le roi citoyen". Contra ela, todos conspiram: legitimistas, republicanos — e um sobrinho de Napoleão.

O regime explode em 1848 — ano de revoluções em toda a Europa. Tomam-se diversas medidas *progressistas*. Luís Napoleão (o sobrinho) elege-se presidente. Em 1852, ele dá um famoso golpe de estado, que Marx analisou em "O 18 Brumário". Governará até 1870, quando o II Império vem abaixo ante as tropas de Bismarck. O povo se revolta. A Comuna de Paris faz barricadas, em 1871. Só por volta dos anos 80 é que o país, republicanizado, entra numa certa modorra "fin de siècle". Mas o caso Dreyfus, em 1894, mostra como a França estava dividida.

Virado o século, a Europa se prepara silenciosamente para a Grande Guerra. Que ia ser "a última das guerras". Mas a paz de 1918 durou escassos 20 anos. No após-guerra de 1945, a IV República começou razoavelmente. Depois, foi sendo roída pela inflação, pela instabilidade dos gabinetes, pela crise das colônias — Argélia, Indochina, Marrocos. No auge da crise da Argélia é que o general De Gaulle reaparece como o "grande homem" que ia fundar a V República. E a V República, de 1958, está realmente funcionando bem. Mas isto tem apenas 30 anos.

O Brasil tem direito, agora, a um pouco de tranqüilidade e de progresso. Precisa, para isso, de lideranças lúcidas. Temos o direito de esperar por elas. Mas temos o dever de pôr em prática — ou de melhorar — o que a Constituição esboçou. Ela é, afinal, uma carta de princípios. Mas só ganhará carne e osso se formos persistentes. E sobretudo pacientes.

JORNAL DO BRASIL

10 4 OUT 1982